

# O “defensor do indivíduo”: Hermann Hesse e o processo de massificação nas primeiras décadas do século XX

Ana Lucia S. Enne

## ***I. Algumas propostas iniciais***

**P**or ocasião das comemorações dos 60 anos do escritor alemão Hermann Hesse, seu conterrâneo e contemporâneo Thomas Mann, também colega de ofício e amigo de longa data, escreveu a seu respeito as seguintes palavras, publicadas no jornal *Neue Zürcher Zeitung* no ano de 1937:

Nesta oportunidade, podemos voltar a ser alemães de coração, dizer sim ao que é alemão, e com orgulho profundo e complexo, sentimo-nos alemães. Pois nada há de mais alemão do que esse escritor e a obra de sua vida – nada mais alemão no velho sentido, alegre, livre e inteligente, a quem o nome alemão deve sua melhor fama e a simpatia da humanidade.<sup>1</sup>

As palavras de Thomas Mann são reveladoras em diversos sentidos, alguns de extrema importância para a proposta deste artigo. Vejamos: no elogio a Hesse através de uma associação do escritor – vida e obra – com a “verdadeira Alemanha”, Mann está falando de uma herança literária e humanista que remonta aos clássicos, principalmente Schiller e Goethe, e aos primórdios e continuidades do Romantismo alemão, que iniciou-se em finais do século XVIII e atravessou o século XIX.<sup>2</sup>

Falar de Hesse como herdeiro legítimo desta tradição é apontar, por definição, algumas das características mais fortes de sua trajetória como autor, exatamente aquelas que remontam ao Romantismo: a ênfase no indivíduo, o proces-

so de tomada de consciência de si, o olhar para “dentro”, o sofrimento como via de conversão e transformação do sujeito, a busca de aproximação com a via oriental, a busca da singularidade e da distinção, o desencantamento e estranhamento do homem frente à cultura objetiva em que sua subjetividade se insere, a denúncia do filistinismo, enfim, o processo de autodescoberta do indivíduo, de *Bildung*, não sem dores, não sem percalços, na direção de si mesmo, de sua rendição à interioridade que o constitui e lhe dá significado.<sup>3</sup>

Tais características, entre outras, vão aparecer com maior ou menor intensidade em vários dos escritores que perpassaram o Romantismo alemão no século que antecedeu ao período criativo de Hesse. Aparecem com eficácia nos romances de formação (*Bildungsromane*) e serão objeto também de outros autores do século XX, como o próprio Thomas Mann, razão de boa parte da aproximação dos dois autores. Há muito dos processos de *Bildung* – cultivo de si – e *Beruf* – vocação e chamado – nas obras de Hermann Hesse, em especial em *O lobo da estepe*, culminância deste empreendimento ao qual Hesse se dedicou, como já indicado no título deste trabalho, o de “defensor do indivíduo”, de sua singularidade e de seus diversos renascimentos e superações de si. Mais adiante em sua exaltação ao compatriota, Mann afirma: “Esta obra casta e ousada, romântica e ainda assim intelectual, está plena de tradição, solidariedade, memória, intimidade, sem ser nem um pouco epigonal.”<sup>4</sup>

Se, então, podemos perceber, nas palavras carregadas de reconhecimento dirigidas por Thomas Mann na direção de Hesse,<sup>5</sup> a ponte entre os traços constitutivos do Romantismo e sua condição de herdeiro legítimo desta tradição, por outro lado as frases de Mann nos facultam a possibilidade de perceber a inserção de Hesse no seu tempo, onde condições diversas criavam circunstâncias e cenários bem diversos daqueles onde, para Mann, se encontrava a Alemanha “no velho sentido”. Hesse é, pois, um ícone de uma Alemanha não mais existente, uma oportunidade rara de preservação de valores, propósitos e símbolos aparentemente perdidos no caos instaurado nas primeiras décadas deste século.

Não só as grandes guerras e seus anos entrementes de insegurança criavam um cenário novo e profundamente influenciador para a literatura alemã, mas também o desenvolvimento de uma literatura de massa, em escala industrial, transformando a arte predominantemente em mercadoria, constituíram um pano de fundo com clara relevância na obra de Hesse e de outros tantos autores do período. As guerras e a instauração de um modo de vida burguês calcado em um amplo sistema de valores massificado vão ser tema constante de reflexão de Hermann Hesse, criando situações onde os atributos do Romantismo do século XIX colocam-se em intensa relação e negociação com os traços dos novos tempos. Muitos não resistiram e sucumbiram ao fascínio ou pavor destes últimos, e é também neste sentido que Thomas Mann congratula Hermann Hesse por ter

conseguido manter-se fiel ao melhor da tradição, conjugando-a com o complexo contexto político, econômico e social deste início de século. Essa capacidade de conjugar o novo e o velho, extraindo de ambos o sumo, é destacado por Mann como indicativo da autonomia e relevância da obra de Hesse. Ainda nas celebrações pelos 60 anos de Hesse, Mann dá indicações desta propriedade conciliadora da obra de Hesse: “Ela tem o timbre romântico, o humor crispado e hipocondríaco da alma alemã, orgânica e pessoalmente ligado a elementos e naturezas diferentes, muito menos emotivos, de criticismo europeu e psicanálise.”<sup>6</sup>

Este artigo tem, portanto, algumas propostas fundamentais. Em primeiro lugar, exatamente a de perceber esta complexidade da obra de Hesse: ao mesmo tempo preservador de valores caros ao Romantismo, mas também vivenciador de seu próprio tempo e suas contradições inerentes. Além disso, se busca aqui a reflexão sobre a forma pela qual, na obra de Hermann Hesse, a construção da defesa de um individualismo qualitativo, no sentido proposto por Simmel,<sup>7</sup> marcado pela singularidade, interiorização e consciência de si, aponta para a visão que Hesse manifesta acerca da construção da pessoa moderna ocidental e seus dilemas frente ao processo de massificação da cultura no decorrer da primeira metade do século XX. E, finalmente, indicar o quanto a percepção da flexibilização das identidades, temática tão cara aos analistas da contemporaneidade, já se encontra presente nos escritos de Hesse publicados nas primeiras décadas do século XX, indicando um processo de descentramento e desencaixe característico da modernidade.

## **2. O indivíduo toma consciência de si**

Não há como negar o paralelo entre a vida de Hermann Hesse e sua obra literária. Assim como seus personagens empreenderam diversas viagens em busca da verdade interior, em busca da construção da unidade individual como saída para o caos externo e massificador, também o autor trilhou em sua vida caminhos similares, marcados por fugas e reencontros, viagens e renascimentos, até a possibilidade do encontro consigo mesmo na escolha de um estilo de vida marcado pelo recolhimento e pela contemplação, além de intensa produção criativa.

Como aconteceu com Hesse em sua vida real, vários de seus personagens precisam romper com a infância luminosa e protegida de uma família burguesa e pietista. Hermann Hesse é filho de um missionário alemão e de uma filha de missionários alemães nascida na Índia. Esses dois pólos vão ser marcantes tanto na vida quanto na obra de Hesse, que se confrontará recorrentemente com o fascínio pela segurança e luminosidade de uma vida burguesa e a necessidade de questionar essa vida.<sup>8</sup> Não por acaso, o jovem Emil Sinclair, em *Demian*, desco-

bre que existe um “modo sombrio” para além do “mundo luminoso” oferecido por sua confortável vida familiar vivenciada em sua infância. O pequeno Sinclair assim define o pequeno mundo burguês que o “protegia” do mundo externo:

Desses dois mundos, um se reduzia à casa paterna, e nem mesmo a abarcava toda; na verdade, compreendia apenas as pessoas de meus pais. Esse mundo era-me perfeitamente conhecido em sua maior parte; suas principais palavras eram papai e mamãe, amor e severidade, exemplo e educação. Seus atributos eram a luz, a claridade, a limpeza. As palavras carinhosas, as mãos lavadas, as roupas limpas e os bons costumes nele tinham centro.<sup>9</sup>

A construção de uma representação simbólica para a família ocidental é a base desta apropriação burguesa do universo familiar como o espaço do conforto e segurança associados ao controle e regulação dos indivíduos. A luminosidade, o conforto, a segurança e as regras austeras da família burguesa, simbolizada pela figura da casa paterna e pela própria figura dos pais, reaparecem em várias obras de Hesse, além de *Demian*. O jovem brâmane em *Sidarta*, embora vivendo em uma outra sociedade, de traços orientais, também vivencia estas sensações. Da mesma forma, o pequeno atormentado de “Alma de criança”, conto de *O último verão de Klingsor*, faz da lembrança da casa paterna o ponto de partida para sua narrativa, onde a libertação do mundo luminoso se faz pelo doloroso processo de encontro com o mundo sombrio da falta e da culpa, culminando com o desmantelamento de um sonho infantil de permanência no intocável aconchego familiar burguês. Sinclair, em *Demian*, também passa por um processo doloroso, bastante similar ao narrado em “Alma de criança”, de rompimento com o mundo “luminoso” da infância burguesa: em ambas as narrativas, os personagens cometem pequenos delitos e sofrem com a culpa e com a possibilidade da descoberta. Sinclair, de certa forma, vai dar continuidade ao processo iniciado pela criança burguesa em “Alma de criança”, e resolve romper com o “paraíso burguês” iniciando-se em um processo de conhecimento, primeiro do mundo exterior (através da entrada não sem choques no mundo das perturbações e transgressões, marcado pelos prazeres da carne, pela exaltação da vida boêmia, pelo apreço ao dinheiro e pela insubmissão aos valores burgueses). Da mesma forma, o jovem Sidarta também trilha, embora de modo um pouco distinto, o caminho do rompimento: primeiramente adotando o estilo de vida de um andarilho, completamente alienado dos valores mundanos, para adiante adotá-los integralmente e viver como um desencontrado, entre os valores burgueses e a rejeição a eles, ao mesmo tempo refastelando-se no luxo e esfacelando-se na insatisfação.

Com Harry Haller, de *O lobo da estepe*, a relação de conflito que marca a obra de Hesse em relação ao fascínio exercido pelo mundo burguês sobre o indivíduo aparece ainda mais claramente. Harry Haller (cujas iniciais HH já remetem a um caráter autobiográfico direto, apenas uma das muitas brincadeiras estilísticas feitas por Hesse com sua projeção pessoal sobre a obra<sup>10</sup>) é o antiburguês em todos os sentidos: vive uma vida de ermitão, mantém hábitos dos românticos do século XIX, não consegue se colocar no mundo, com o qual mantém uma relação de permanente estranhamento, enfim, é um desajustado. Ele assim vive, embora pleno de angústias e fortes tentações suicidas, por escolha e convicção, como explorarei mais adiante. Ainda assim, sua relação com a vida burguesa é ambígua e marcada por algumas concessões, como um lembrar da infância e a necessidade de morar em casas burguesas. O próprio personagem se dá conta disso, comentando: “O amor por essa atmosfera vinda, sem dúvida, de minha infância, e meu secreto anseio por algo assim como um lar sempre me leva desesperadamente por esses velhos e estúpidos caminhos”.<sup>11</sup>

Assim, o desencantado Harry Haller nutre pela burguesia, da qual tenta fugir e sobre a qual tece comentários acidamente críticos, uma relação dúbia, como um túnel para uma infância luminosa, da qual não consegue, à primeira vista, se desvencilhar totalmente. Diz Harry:

Além disso, agrada-me o contraste que apresenta a minha vida, esta minha vida solitária, sem amor, gasta e inteiramente desordenada, em relação ao ambiente familiar e burguês. Agrada-me respirar na escada este cheiro de calma, de ordem, de limpeza, de decência e de domesticidade, o que, apesar do meu desprezo pela burguesia, tem sempre algo de comovente para mim (...).<sup>12</sup>

De forma similar, também Hesse teve de romper com sua infância burguesa, enfrentando a oposição de seus pais ao escolher abandonar, aos 16 anos, os estudos regulares e optando por conseguir um trabalho de ajudante de relojoeiro e mais tarde de livreiro. Seu rompimento ainda maior data de sua ida para a Suíça, em 1912, onde opta por uma vida rústica e ligada à terra, sem os confortos e as atrações que a cidade burguesa oferecia, que irá perdurar até sua morte em 1962. A saída da casa paterna e a adoção de um estilo de vida pouco convencional para a burguesia alemã do início do século marcam somente o início de um processo mais amplo e muito mais custoso, que é o da descoberta de si e da busca de um autoconhecimento.

Aqui irão aparecer os temas clássicos do processo de conversão tratados pelo Romantismo, com o qual Hesse irá decerto se identificar: a transgressão, o sofrimento como iniciático e transformador, a denúncia do filistinismo burguês,

a busca da via oriental, a viagem xamânica, o desencantamento e estranhamento do mundo, a idéia da singularidade e da distinção (indivíduo qualitativo), a vocação (*Beruf*), o renascimento (*Rebirth*), a interiorização (pela religião e pela arte), o cultivo de si (*Bildung*), a entrega de si (*Self-surrender*) e a consciência de si. Todo este processo leva à libertação do indivíduo e sua constituição como pessoa, aquela que comporta em si toda a humanidade.

A transgressão aparece com frequência na literatura que trata da formação da pessoa moderna no Ocidente. Como já vem sendo dito até aqui, o pertencimento ao mundo burguês mostra-se inadequado e fruto da insatisfação. É preciso romper com este mundo e muitas vezes o caminho encontrado é o da transgressão. Ao transgredir, o sujeito rompe com as normas estabelecidas, põe em xeque o código de regras sob o qual o mundo burguês constrói suas identidades. Para transgredir, o indivíduo, de certa forma, tem que demonstrar uma disposição neste sentido, dada exatamente pela inadequação com o modelo vivido. Mais ainda: ele precisa identificar em si o impulso (*Trieb*), a força vital que o impulsiona para fora da redoma cotidiana. Ele precisa procurar espaços para exercer esta fuga do controle e da disciplina do mundo burguês, penetrar novos mundos onde o grande círculo de regulação não o possa atingir.

A idéia da realização da natureza individual, da potência, é cara a Hermann Hesse.<sup>13</sup> O impulso vital aparece freqüentemente em sua obra. Em *Demian*, nas palavras de Sinclair: “Eu era um impulso da natureza, um impulso em direção ao incerto, talvez do novo, talvez do nada, e minha função era apenas deixar que esse impulso atuasse, nascido das profundezas primordiais, sentir em mim sua vontade e fazê-lo meu por completo”.<sup>14</sup>

De certa forma, podemos pensar aqui a relação proposta por Simmel entre cultura objetiva e cultura subjetiva, sendo esta a realização interiorizada deste impulso (*Trieb*) vital, de uma natureza interior, que só consegue se realizar na sua interação com a cultura exterior ao indivíduo. Este força vital só vai eclodir nas condições e contradições entre o mundo interno e o externo. Neste sentido, a *Trieb* é um potencial interno latente, que requer condições externas propícias à sua realização. Assim, ao falar de cultura objetiva necessariamente está se falando de cultura subjetiva, pois ambas estão entranhadas. No entanto, na vida moderna, onde o desenvolvimento tecnológico coloca a cultura objetiva em níveis muito avançados, pode haver dificuldades para o cultivo de si efetuar-se no mesmo patamar.

Desta forma, a realização do impulso para qual todo homem deve voltar-se pode se transformar em uma reação ao mundo objetivo, externo a ele, o que pode configurar modelos de transgressão como forma de renascimento subjetivo. Um exemplo de transgressão aparece na adoção de comportamentos tidos como marginais pela sociedade. A vida boêmia pode ser um exemplo do que

estamos falando. Muitos são os artistas que irão, nos últimos dois séculos, buscar essa via de fuga da realidade opressora. Também nas obras de Hesse esse caminho se apresenta. Emil Sinclair, durante parte da sua vida, se entrega à vida desregrada dos noctívagos, freqüentando as tabernas, gastando suas rendas em rodadas de bebida e conversações divagantes. Sinclair descreve suas sensações, após o primeiro contato com a noite boêmia:

Aquela primeira bebedeira não foi a última. Entre os alunos do colégio estava muito difundida a paixão do vinho e havia um grupo que passava noites nos cafés bebendo e arruaçando. Eu era um dos mais jovens do grupo, mas em pouco tempo deixei de ser considerado um garoto, a quem os mais velhos toleram em sua companhia, para transformar-me num dos chefes, num bebedor famoso e atrevido. Pertencia novamente e por completo ao mundo sombrio, ao demoníaco, e nele ocupava um lugar de destaque.<sup>15</sup>

Esse rompimento com o mundo familiar, fruto de “impulsos” que partiam “sempre do mundo sombrio”, trazendo sempre consigo o medo, a violência e o remorso,<sup>16</sup> irá marcar, para o personagem, o seu primeiro renascimento. Ali morre a infância de Emil Sinclair, sua adaptação ao mundo luminoso, sua aderência ao modelo burguês, para nascer um outro, um renovado homem, liberto do mundo anterior pela experiência do mal, pela dor da transgressão, pela busca de um outro estilo de vida que não tão cômodo e repleto de conveniências. Mas a relação com este mundo novo e marcado pela ausência de regras não é tranqüila, e sim temperada com angústia e sofrimento. “Era quase um prazer experimentar aqueles tormentos”, diz Sinclair, para a seguir confessar: “Mas apesar de tudo eu me sentia miserável”. A dor é então um caminho, uma via de transformação e possibilidade de acesso para a interiorização e a busca de si. Assim, resigna-se Sinclair: “São muitos os caminhos pelos quais Deus pode nos conduzir à solidão e levar-nos a nós mesmos. Por um desses caminhos conduziu-me então. Foi como um sonho mau”.<sup>17</sup>

A problemática do sofrimento e do renascimento é explorada pelo Romantismo através do século XIX. Pela dor, o indivíduo acaba fazendo a imersão em si mesmo, se defrontando com um mundo para o qual se sentia protegido e com o qual precisa aprender a lidar. O sofrimento é, pois, uma das etapas do processo da descoberta de si, um dos muitos renascimentos que o indivíduo deve passar na busca de si mesmo. Para W. James, podemos detectar dois tipos de mente, a saudável e a mórbida (o autor procura deixar claro estar trabalhando com tipos ideais, porque na prática esta dualidade não se apresenta tão definida). Esta experimentaria exatamente o sofrimento pela constatação da dor, do mal e

da transgressão. Este, porém, seria o único caminho para a conversão autêntica. A mente saudável manteria-se feliz, porém confinada ao mundo da superficialidade; somente a mente mórbida poderia apresentar para o indivíduo o caminho para o renascimento e a verdadeira consciência de si.<sup>18</sup>

Por isso, esse mundo demoníaco, de rompimento pela transgressão, não deve ser encarado como um fim em si, mas como uma etapa a ser cumprida no caminho maior da descoberta. Como acontecerá com Sinclair, em *Demian*, o personagem principal de *Sidarta* atravessará diversos renascimentos até encontrar a luminosidade de seu próprio interior. Se o sofrimento é uma passagem, um rito de transformação, também é preciso romper com ele. Depois de anos dedicados à vida boêmia, às bebidas, ao luxo e a jogatina, Sidarta rompe com este mundo que tanto o desencantava e parte para uma vida simples, de balseiro, vivendo e aprendendo com um companheiro mais velho e com o rio que lhes serve de guia e sustento.<sup>19</sup> Sidarta renasce, assim como Sinclair, deixando para trás a vida dos prazeres (a qual já havia significado um rompimento e um renascer de modelos de vida anteriores) e empreendendo sua peregrinação rumo a si mesmo. Sidarta empreende uma reflexão sobre seus constantes renascimentos, através das diversas fases da sua vida:

A vida que levei foi deveras curiosa e conduziu-me por caminhos estranhamente tortuosos. Quando menino, só tive que lidar com deuses e sacrifícios. Quando adolescente, preoquei-me exclusivamente com o ascetismo, com a filosofia, com a meditação (...). Quando moço, porém, acompanhei os penitentes; morei na selva; suportei o frio e o calor; aprendi a agüentar a fome; mortifiquei meu corpo. A seguir ocorreu-me o maravilhoso encontro com a doutrina do grande Buda e através dela cheguei ao conhecimento (...). Mas coube-me também abandonar o Buda e sua sublime sabedoria. Fui ter com Kamala e graças a ela enfronhei-me nas delícias do amor; com Kamasvami estudei o comércio; acumulei dinheiro, esbanjei dinheiro; habituei-me a adorar o meu estômago e a adular os meus sentidos.(...) Não parece de fato que, lentamente, trilhando estradas sinuosas, transformei-me de um homem numa criança e de um filósofo num tolo? E, todavia, acho que esses desvios me fizeram um grande bem. (...) Foi necessário que me degradasse até o mais estúpido de todos os propósitos e pensasse no suicídio, para que acontecesse a graça (...). Tive de pecar, para que pudesse tornar a viver.<sup>20</sup>

Tanto para o renascimento de Sinclair quanto para o de Sidarta, quando após o sofrimento descortina-se um novo mundo, Hesse utilizou a metáfora de um pássaro, simbolizando a libertação. Em *Demian*, “a ave sai do ovo” (título

inclusive do quinto capítulo) e, em *Sidarta*, o pássaro, que no sonho parecia morto, revigora-se, liberta-se e cumpre sua vocação para cantar.

A transgressão e o sofrimento são vias para o renascimento, mas podem ser acompanhadas também por outras: a busca da via oriental e a viagem xamânica podem ser exemplos neste sentido. O Romantismo alemão acenou, desde o fim do século XVIII e no decorrer do século XIX, com uma aproximação com a cultura oriental. Podemos perceber, com isso, uma valorização da irracionalidade, característica do misticismo hindu, como uma resposta ao modelo do *Aufklärung* que irá dominar parte do mundo artístico e literário na passagem do século XVIII para o XIX. O *Aufklärung* marca uma aproximação da literatura alemã com o racionalismo iluminista. De certa forma, a ligação romântica com o irracionalismo oriental implica em uma descontinuidade com esta *via do esclarecimento*.

Nas palavras do próprio Hesse, tal concepção aparece claramente:

A onda espiritual proveniente da Índia, que já há um século atua na Europa, em especial na Alemanha, tornou-se agora generalizadamente sensível e visível (...). Do ponto de vista psicológico, a Europa começa a perceber, em várias manifestações de decadência, que a unilateralidade exagerada de sua cultura espiritual (mais nitidamente manifestada talvez na especialização científica) está a reclamar uma correção, uma renovação vinda do pólo oposto.<sup>21</sup>

Mas a via oriental também marca a busca da experiência individual como trajetória fundamental para a descoberta de si, o que Hermann Hesse irá explorar em *Sidarta*.

O fascínio pelo Oriente aparece na obra de Hesse e também em sua própria vida. Não só através da história de *Sidarta*, como, também, através da trajetória do pintor Johann Veraguth, personagem principal de *Rosshalde*. O artista, desiludido com sua vida burguesa (representada por um casamento falido e uma rotina insuportável, onde seus únicos redutos de salvação encontram-se na criação exaustiva de sua obra, no olhar sobre a natureza e na dedicação ao seu filho Pierre), deixa-se levar pela possibilidade de fuga oferecida por uma viagem ao Oriente, onde já reside um grande amigo. Para isso, é preciso romper com as amarras que o prendiam ao mundo familiar e opressor, o que só consegue após um intenso sofrimento com a morte prematura de seu amado filho.<sup>22</sup> Sem os grilhões impostos pela hipocrisia social, Veraguth pode então partir rumo ao Oriente e também ao cultivo de sua verdadeira individualidade. Nos conta o narrador:

Com um prazer sombrio, Veraguth sentia a dor queimar-lhe o coração de um modo selvático, insuportável, mas também sentia que esse sofrimento o engrandecia e purificava como nunca antes acontecera em sua existência; e, ar-

dendo nesse fogo sagrado, Veraguth viu como desmoronava sua mesquinha vida anterior, sem alegrias, falsa, informe, carente de autêntico valor, indigna de que se lhe dedicasse sequer um pensamento, mesmo de censura..<sup>23</sup>

A viagem ao Oriente é, pois, a alternativa para buscar seu verdadeiro caminho. Processo bastante semelhante ao efetuado pelo próprio Hesse, que, em 1911, também em meio a uma crise em seu casamento e frente ao seu trabalho, empreende uma viagem à Índia, por onde peregrina por cerca de um ano. Desse período, nascem não só *Sidarta*, mas inúmeras narrativas autobiográficas e o conhecido *Viagem ao Oriente*. Em alguns de seus relatos sobre a viagem à Índia, Hesse proclamou sua dívida para com os ensinamentos lá colhidos. Em “Um olhar para o Extremo Oriente”, afirma: “Os dois povos de cor com os quais mais aprendi, e por quem tenho o maior respeito, são o hindu e o chinês. Ambos criaram uma cultura espiritual e artística que, sendo superior à nossa em antigüidade, é-lhe de igual valor em cultura e beleza”.<sup>24</sup> Aqui podemos ver que a relação que Hesse estabelece com a cultura oriental é a de um aprendiz. Na verdade, Hesse está em busca, em sua peregrinação pelo Oriente, de confirmação para suas certezas mais profundas e caras: de que o indivíduo, através de suas vivências, pode tomar consciência de si e transformar-se, buscando sua unidade e realização. A viagem ao Oriente tem o caráter xamânico da conversão, é muito mais um símbolo de um outro renascimento e uma maneira de repensar-se a si mesmo através do contato com o outro. Não é por um acaso que Hesse explica em *Viagem ao Oriente* que esta, na verdade, é uma busca que atravessa fronteiras e limites geográficos, sendo claramente uma viagem para dentro de si mesmo. Diz o personagem HH (mais uma brincadeira autobiográfica de Hesse): “(...) nosso objetivo não era unicamente o Oriente, ou melhor, o Oriente não era apenas um país ou um fato geográfico, era também o lar e a juventude da alma, estava em toda parte e em parte nenhuma, era o conjunto de todas as eras.”<sup>25</sup>

### **3. O consumo de massa versus a busca da distinção individual: estranhamento e denúncia**

Já falamos aqui, portanto, de alguns dos traços característicos do Romantismo alemão que aparecem com recorrência na obra de Hermann Hesse: a transgressão, o sofrimento como transformador, o renascimento, a busca da via oriental e a viagem xamânica. Mas a busca de si, do conhecimento do *self*, pode se dar também por outros caminhos. A denúncia do filistinismo burguês, acompanhado pelo desencantamento e estranhamento em relação ao mundo, também são vias de acesso para a interiorização que aparecem no Romantismo e na obra (espelho e reflexo da vida) de Hermann Hesse.

Sabemos que o Romantismo alemão vai se empenhar em denunciar a acomodação, a falta de autenticidade, a hipocrisia e a o descomprometimento do mundo burguês com o crescimento do indivíduo. A constituição da pessoa moderna ocidental irá passar exatamente por um descontentamento, quase um niilismo total, do sujeito perante o mundo em que vive. Ele se sente estranho e sem pertencimentos em relação a esse mundo, o que lhe deixa em permanente sensação de angústia.

Este mundo está contaminado, para os personagens de Hesse, por um consumo desenfreado, uma adequação aos modelos consumistas com os quais não há identificação possível. Harry Haller, de *O lobo da estepe*, se enxerga como um “corrompido” quando aceita instalar, em seu quarto de “romântico”, um gramofone.<sup>26</sup>

Pensar que alguém pudesse me pedir que tivesse em meu quarto, ao lado de Novalis e Jean-Paul, em meu tugúrio de pensamento e de reflexão, um gramofone a tocar música de dança americana e que teria de dançar, tudo isso era certamente duro demais para que eu pudesse suportá-lo.<sup>27</sup>

Ao mesmo tempo, porém, esse distanciamento e estranhamento em relação ao mundo burguês são percebidos positivamente, seja por representarem uma fuga, um escapismo, uma alienação perante a este mundo duramente criticado, seja por representarem um traço distintivo, uma marca de singularidade (a tal marca de Caim que os eleitos trazem como identificação, na explicação de Max Demian que primeiro horroriza depois fascina Emil Sinclair em *Demian*) e distinção.

Harry Haller talvez seja o personagem ideal para analisarmos esta relação de estranhamento e distanciamento frente ao mundo que o cerca. A angústia permanente indica o desconforto de Harry, que não consegue se enquadrar nos modelos aclamados por aquela sociedade burguesa. Ele não se adapta às exigências sociais, tornando-se um recluso. As sereias do consumo não lhe seduzem, pois ele prefere a simplicidade das tabernas sombrias e a companhia de seus livros e garrafas de vinho barato aos letreiros de néon que começam a superlotar a cidade, oferecendo o lazer de consumo de massa que Harry (e também Hesse) abomina. As palavras que seguem definem bem seu estranhamento frente à massificação burguesa que o cerca:

Não consigo permanecer por muito tempo num teatro ou num cinema. Mal posso ler um jornal, raramente leio um livro moderno. Não sei que prazeres e alegrias levam as pessoas a trens e hotéis superlotados, aos cafés abarrotados, com sua música sufocante e vulgar, aos bares e espetáculos de variedades, às Feiras Mundiais, aos Corsos. Não entendo nem

compartilho essas alegrias, embora estejam ao meu alcance, pelas quais milhares de outros tanto anseiam. Por outro lado, o que se passa comigo nos meus raros momentos de público, aquilo que para mim é felicidade e vida e êxtase e exaltação, procura-o o mundo em geral nas obras de ficção; na vida parece-lhe absurdo. E, de fato, se o mundo tem razão, se essa música dos cafés, essas diversões em massa e esses tipos americanizados que se satisfazem com tão pouco têm razão, então estou errado, estou louco. Sou, na verdade, o Lobo da Estepe, como me digo tantas vezes – aquele animal extraviado que não encontra abrigo nem alegria nem alimento num mundo que lhe é estranho e incompreensível.<sup>28</sup>

Não é por acaso que o teatro para o qual Harry será “chamado” é um teatro mágico, com entrada “só para os raros”, “só para os loucos”.<sup>29</sup> A marca da distinção é clara. Ele não é como os outros, ele vagueia por esse mundo sem conseguir se enquadrar. Porque ele é claramente um indivíduo no sentido qualitativo,<sup>30</sup> aquele que se pauta por sua singularidade, por sua própria experiência. Um indivíduo que se distancia do rebanho, que não encontra a resposta para a felicidade na segurança da coletividade, mas somente em si mesmo, somente através de sua interiorização. De certa forma, procura renegar o modelo da “orientação pelos outros”, pela ótica do consumo, de que nos fala Riesman em *A multidão solitária*.<sup>31</sup>

A interiorização pode se dar de diversas formas. O caminho da religião e o caminho da arte, por exemplo, são temáticas que preocuparam com frequência os autores que trataram das questões aqui discutidas. Como já dito anteriormente, W. James aborda a questão da conversão via religião. L. Dumont, por exemplo, demonstra como há uma superação da religião via estética, trabalhando com a trajetória de Philipp Moritz, onde a imanência substitui a transcendência.<sup>32</sup>

Em Hermann Hesse, as duas vias de conversão para a interiorização são utilizadas. O indivíduo caminha para si mesmo pela via da arte, da estética (casos de Veraguth e Harry Haller) ou pela religião (casos de Emil Sinclair, que abraça a causa do deus Abraxas, divindade que conjuga os dois mundos, o luminoso e sombrio, e representa a própria condição humana, e de Sidarta). Mas é interessante notar que o próprio Hesse, em sua vida, acabou por seguir os dois caminhos. Também Hesse procurou a interiorização e, conseqüentemente, a descoberta de si e a sua vivência como indivíduo, tanto pela arte quanto pela religião. Através destes dois caminhos, buscou singularizar-se como indivíduo e construir sua plataforma de vida como pessoa.

Neste sentido, a arte pode ser pensada como realização da vocação, de um chamado individual.<sup>33</sup> Temos aqui a idéia de *Beruf* aparecendo com clareza. Cada

indivíduo tem sua vocação a cumprir, e sua superação do sofrimento e do estranhamento perante o mundo só serão obtidos com a consolidação desta vocação. Sinclair depõe em *Demian*: “todo homem tinha uma ‘missão’, mas ninguém podia escolher a sua, delimitá-la ou administrá-la a seu prazer”.<sup>34</sup> Nada resume tão incisivamente essa visão sobre a vocação como único caminho para si mesmo do que as palavras finais de Varaguth, em *Rosshalde*, antes de abandonar sua vida anterior e embrenhar-se pelo Oriente e pelo seu próprio interior:

Agora restava-lhe apenas a sua arte, de cujo domínio nunca se sentira tão seguro como nesse momento de sua vida. (...) Eis o que lhe restava, eis o único valor que ainda sobrava em sua desditosa vida – essa imperturbável solidão e esse frio prazer de representar e recriar o mundo. Seu destino era, pois, seguir sua estrela, que não reconhecia desvios em seu curso.<sup>35</sup>

Apesar de adotar a conversão via arte como maneira de alcançar a contemplação e a realização do *self*, Hesse, ao contrário de outros artistas que renegaram a dimensão religiosa, procurou conjugá-las. Assim, o caminho da crença, da busca de uma religião com traços orientais que libertasse o indivíduo, foi uma marca de sua trajetória. Não aquela religião de sua infância, marcada pelo pietismo, pela culpa e pela sensação de conformismo. Mas uma religião que comportasse também um potencial libertador, e não somente repressor. A relação de Hesse com a busca religiosa, sem dúvida, foi marcada por uma ambigüidade, uma experimentação “entre o respeito e a revolta”.<sup>36</sup>

Podemos pensar a modernidade da concepção religiosa de Hesse a partir de um viés proposto pelo próprio escritor: a idéia de que cada indivíduo, como uma mônada, encerra em si a divindade. Neste momento, é preciso considerar aqui a influência que a psicanálise exerceu sobre a trajetória pessoal e artística de Hermann Hesse e como também esta se transformou em uma via de conversão do indivíduo. Hesse sempre manifestou admiração pela psicanálise então emergente no início do século. Mas sua relação estreitou-se mesmo a partir de meados da década de 1910, quando, movido por intensa crise pessoal, iniciou uma série de sessões com Josef B. Lang, discípulo de Jung. Mais tarde, será com o próprio Jung que Hesse irá se consultar. Esses contatos serão fundamentais no sentido de permitir não só uma conversão pessoal de Hesse rumo à interiorização, mas para sua concepção de como o indivíduo pode ser uma unidade e ao mesmo tempo comportar a humanidade como um todo. Estas percepções irão se refletir diretamente em seus romances, que apresentarão claramente as diversas maneiras de pensar que o autor atravessará a respeito da formação do indivíduo, do seu encontro com seu “eu” e com a fragmentação de sua identidade.

#### 4. A alma tem “mil flores”

A compreensão de que o indivíduo deveria trazer em si a dualidade do mundo, tanto sua parte luminosa e retilínea como seus aspectos sombrios e tortuosos, já aparece claramente em *Demian*. Neste sentido, o livro é, sem dúvida, uma ruptura com as obras anteriores. A visão de que cada homem é ao mesmo tempo bom e mau, traz dentro de si os dois mundos, é chave para compreendermos a trajetória de Sinclair. A respeito disso, temos as palavras do próprio, ao ser apresentado à idéia síntese de Abraxas proposta por Demian:

Contudo suas palavras haviam atingido em mim o enigma que durante os meus anos de juventude me acompanhara por todas as horas e sobre o qual nunca dissera a ninguém qualquer palavra. O que Demian sabia sobre Deus e o Diabo, sobre o mundo oficialmente divino e o mundo demoníaco, era exatamente meu próprio pensamento, meu próprio mito, minha concepção dos dois mundos: o luminoso e o sombrio.<sup>37</sup>

Em *Sidarta*, a mesma visão sobre os dois mundos reaparece, sendo relativizada no final libertador. Aí a concepção hindu de que cada homem encerra infinitas encarnações e se desdobra em infinitas faces aparece claramente no deslumbramento de Govinda, companheiro de longa data de Sidarta, quando descobre ao contemplar o amigo que nele encontra-se toda a humanidade:

Govinda já não enxergava o semblante de Sidarta, seu companheiro. Em vez dele via outros rostos, inúmeros, toda uma fila, uma torrente de rostos, centenas, milhares, todos eles aparecia, sumiam e todavia davam a impressão de estar presentes simultaneamente, rostos esses que a cada instante se modificavam e renovavam e, contudo, eram sempre Sidarta.<sup>38</sup>

Os anos de psicanálise, com certeza, já tinham provocado mudanças consideráveis na maneira de Hesse conceber o indivíduo. De um primeiro rompimento com a figura sem dubiedades do herói burguês, de caráter probo e isento de ambigüidades, presente principalmente no folhetim da literatura de massa que Hesse tanto abominava, surgiu a possibilidade do indivíduo com dualidades claras: nele estava o mundo das luzes e também o das perversões. Mas sua concepção acerca da formação da personalidade do indivíduo se amplia, via psicanálise, é já lhe é impossível mesmo conceber o ser humano preso a somente duas metades. A fragmentação do eu, esse “eu dividido”, múltiplo e disperso, encontra-se magistralmente descrito em *O lobo da estepe*. Em seu caminho em direção a si mesmo, Harry Heller parte de uma simples decomposição de sua persona-

lidade em duas metades (o homem comum Harry e o desajustado “lobo da estepe”) para uma concepção bem mais complexa, onde a multiplicidade da personalidade individual é a base da própria existência.

Hesse define assim a personalidade, com viés psicanalítico:

Que o “homem” não é alguma coisa já criada, mas apenas uma exigência do espírito, uma possibilidade longínqua, tão desejada quanto temida, e que o caminho a que isso conduz só vai sendo percorrido em pequenos impulsos e debaixo de terríveis tormentos e sonhos, precisamente por aquelas raras individualidades, para as quais hoje se prepara o patíbulo e amanhã o monumento – é uma suspeita que vive também o lobo da estepe.<sup>39</sup>

Mas Harry não consegue escapar à armadilha burguesa, pois, ao contrapor o homem ao lobo, no fim reduz a complexidade humana de maneira a controlá-la. Mas já é um avanço, afirma Hesse: “Mas, enfim, o nosso Lobo da Estepe descobriu dentro de si ao menos a duplicidade fáustica”.<sup>40</sup> No entanto, é preciso ainda descortinar as possibilidades de uma observação maior de si e do mundo, remetendo ao espectador de que fala Boltanski.<sup>41</sup> Hesse critica esta ausência de observação em Harry Haller: “Provavelmente nunca observou com atenção um lobo autêntico; então veria, talvez, que nem mesmo os animais possuem a unidade da alma, que também neles, atrás da bela e austera forma do corpo, vive uma multiplicidade de desejos e de estados.”<sup>42</sup>

Aqui a via oriental e a psicanálise se convergem: na concepção do indivíduo como múltiplo, como um “eu fragmentado” que comporta, na unidade, toda a humanidade. E somente pela percepção deste interior, ou seja, somente pela via da interiorização, é possível libertar o impulso vital.

Em vez de reduzir o teu mundo, de simplificar a tua alma, terás de recolher cada vez mais mundo, de recolher no futuro o mundo inteiro na tua alma dolorosamente dilatada, para chegar talvez um dia ao fim, ao descanso. O mesmo caminho foi percorrido por Buda e todos os grandes homens, uns conscientes, outros inconscientemente, na medida em que a fortuna favorecia a sua busca. Nascimento significa desunião do todo, limitação, afastamento de Deus, penosa reencarnação. Volta ao todo, anulação da dolorosa individualidade, chegar a ser Deus, quer dizer: ter dilatado a alma de tal forma que se torne possível voltar a conter novamente o todo.<sup>43</sup>

A alma, então, tem “mil flores”, e cabe ao indivíduo abrir-se a todas. O indivíduo deve converter-se, mas pela rendição e entrega de si (*Self-surrender*). Aqui se completa o processo do cultivo de si, o *Bildung*. A formação da pessoa

moderna ocidental se faz na busca da interiorização, da consciência de si, na realização plena do indivíduo em todas as suas potencialidades. Por isso Hermann Hesse se autodenomina um “defensor do indivíduo”: porque nele estão as possibilidades de construção de um humanismo que valoriza a individualidade, a complexidade das personalidades individuais. Hesse não vê possibilidades na construção de uma nova Humanidade no rebanho e na coletividade, mas somente na unidade fragmentada do *self* individual. Hesse conclama: “Dizei sim a vós próprios, à vossa pessoa individual, a vosso isolamento, a vossos sentimentos, a vosso destino! Não existe outro caminho”.<sup>44</sup> Não há história fora do indivíduo, nem salvação: “O homem é o centro do universo. Em torno de cada pessoa parece o mundo girar. Cada ser humano, cada dia de sua vida, é o ápice, o ponto final da história”.<sup>45</sup> Assim, Emil Sinclair conclui em *Demian*: “E afastar-se de si mesmo é um pecado”.<sup>46</sup>

## 5. Algumas conclusões

Sem dúvida, tais pontos parecem evidenciar a proximidade de Hermann Hesse com o Romantismo alemão e suas temáticas mais freqüentes. Mas é impossível não perceber e apontar também os traços distintivos da obra de Hesse, principalmente em decorrência de todo um contexto social, político, econômico e cultural que vai marcar a Alemanha nas primeiras décadas deste século. Além disso, parece importante atentar para a influência de outros autores, que não somente Goethe, na formação literária de Hesse.

Sobre este ponto, é interessante observar que os escritores românticos Jean-Paul e Novalis, juntamente com o pensador alemão F. Nietzsche, são as principais referências de Hesse no decorrer dos seus romances. Emil Sinclair é um entusiasta de Novalis, Harry Haller confessa sucessivas vezes sua predileção por Jean-Paul e Novalis e sua admiração pela obra de Nietzsche. Nas cartas trocadas por Thomas Mann e Hermann Hesse, é o primeiro que recorrentemente manifesta sua admiração pela obra de Goethe. Sem dúvida, Hesse é um dileto admirador de Goethe, mas nutre por este uma relação dúbia de veneração e desconfiança. A passagem de *O lobo da estepe* em que Harry Haller se indigna com o busto de Goethe se prestando à ornamentação de uma sala tipicamente burguesa é demonstrativa deste incômodo do próprio Hesse com a figura do grande nome da literatura alemã.

De fato, a trajetória do poeta romântico Jean-Paul em muito se assemelha a do “lobo da estepe” e a do próprio Hesse. “Original e solitário”, “Jean-Paul sentia repulsa particular por Goethe e acusava-o de ‘egoísmo genial’”.<sup>47</sup> Também tal qual Harry Haller, que ao final de *O lobo da estepe* de certa forma se concilia com o modo de vida burguês, assim Jean-Paul “concebe a sociedade burguesa como algo de rigidamente estabelecido, como um destino inevitável, à qual a

fantasia não consegue oferecer uma alternativa convincente”.<sup>48</sup> Também Novalis era um “marginal e solitário”.<sup>49</sup> A celebração da noite e o apelo às coisas místicas, característicos de sua obra, também aparecem em *O lobo da estepe*.

É talvez em Mörike – poeta romântico a quem Thomas Mann inclusive irá comparar Hermann Hesse<sup>50</sup> –, no período do Vormärz que antecederá a fracassada revolução de 1848, que Hesse encontrará alguns temas que lhe serão fundamentais, tanto na sua obra quanto na sua própria existência. Dois conceitos passam a ser fundamentais neste período – *Weltschmerz* (dor existencial) e *Zerrissenheit* (dilaceração interior). Somada a estes, aparecerá a temática da alienação. Com o desencantamento progressivo com a burguesia, os artistas do século XIX, principalmente aqueles que se manterão afinados com o Romantismo, vão desenvolver cada vez mais uma “fuga” para a interioridade.

Hesse, sem dúvida, aparece como herdeiro desta tradição. Sua obra celebra o reencontro com os temas até aqui descritos, porém ganha acepções próprias do contexto do século XX, no qual o autor vive e escreve.

Vários são os fatores externos que caracterizarão sua obra e, de certa forma, marcarão sua separação dos modelos do Romantismo do século XIX. Em primeiro lugar, o crescimento de uma indústria cultural, que projeta cada vez mais a literatura de massa sobre o público e começa a fazer uso, em escala crescente, de uma poderosa mídia emergente. Vários autores, incluindo Benjamin e Adorno, entre outros, irão procurar pensar este fenômeno da massificação da cultura, preocupados com suas conseqüências sobre a estética e a literatura de um modo geral. Hesse também manifesta preocupação quanto a este fenômeno. Em *O lobo da estepe*, Harry Haller externaliza a opinião desmerecedora de Hesse acerca da massificação e do consumo em série da literatura e das formas de entretenimento.

A massificação é instrumento também da propaganda política do nacional-socialismo, levando à efetivação do nazismo e ao período de ascensão hitleriana. Hesse, desde a primeira guerra mundial, a qual previra pesarosamente antes mesmo de seu estouro, manteve posições que despertaram polêmica e lhe renderam diversas manifestações de protesto e repúdio. Absolutamente pacifista, sua postura antibelicista foi explicitada ainda antes da primeira grande guerra. Foi acusado de traidor da pátria, principalmente por ter se mudado para a Suíça e adquirido a cidadania deste país. No período entre as duas guerras, não deixou de alertar para os perigos da formação nazista e para a iminência de uma nova guerra. Criticava duramente a formação de um rebanho sob a égide do Partido Nacional-Socialista e temia pelo futuro da humanidade. Condenava a massificação pelo que ela representava de desvio no caminho da constituição da verdadeira humanidade, como já descrito anteriormente, somente possível pela imersão em si mesmo, pela interiorização, pela singularidade individual.

Assim, Max Demian fala sobre a diferença entre o indivíduo e a coletividade:

A comunidade (...) é uma coisa muito bela. Mas o que vemos florescer agora não é a verdadeira comunidade. Essa surgirá, nova, do conhecimento mútuo dos indivíduos e transformará por algum tempo o mundo. O que hoje existe não é comunidade: é simplesmente rebanho. Os homens se unem porque têm medo uns dos outros e cada um se refugia em seus iguais: rebanho de patrões, rebanho de operário, rebanho de intelectuais... E por que têm medo? Só se tem medo quando não se está de acordo consigo mesmo. Têm medo porque jamais se atreveram a perseguir seus próprios impulsos interiores.<sup>51</sup>

Hesse não é, portanto, um autor anti-sociedade, como alguns insistiram em classificá-lo e mesmo a repudiá-lo. A força da Confraria em *Viagem ao Oriente* ou a formação de uma comunidade/Humanidade que valoriza o indivíduo em *O jogo das contas de vidro*, sua última obra, marcam esta visão positiva sobre o gregarismo, desde que apoiado na individualidade, na pessoa autônoma e consciente de si. Em seu posfácio a *O lobo da estepe*, Hesse critica seus leitores que viram no romance uma rendição do indivíduo ao sistema coletivo. Para Hesse, a mensagem do livro é positiva, “não conduz à destruição e à morte, mas, ao contrário, à redenção”,<sup>52</sup> pois fala de um “mundo de fé, sereno, multipersonalístico e atemporal”.<sup>53</sup> Pela descoberta de si, o homem pode inserir-se no mundo, porque é já um indivíduo consciente.

Da mesma forma, não é possível desconsiderar, como já demonstrado aqui, o impacto que a psicanálise trouxe à sua obra. Desta forma, não cabe classificar a Hermann Hesse como um romântico na acepção histórica do termo, por uma distorção anacrônica. O mundo do século XX, onde Hesse está produzindo sua obra, é outro. Podemos perceber uma forte influência romântica sobre sua obra, sem dúvida. Mas as guerras, a maquinização crescente da sociedade, os processos de massificação, o consumo em série, a experiência do autor com a psicanálise, as conturbações políticas, tudo isto se reflete diretamente na sua obra. Hesse escreve em tempos de crise, suas tentativas de encontrar uma resposta e uma saída, ou no mínimo pontos de fuga, para este desmoronamento do mundo são visíveis. Em suas cartas, trocadas por mais de três décadas com Thomas Mann, Hesse alterna regularmente momentos de desânimo com superação, principalmente pela via do trabalho. Em certos momentos, ambos apresentam-se como dois desalentados, prestes a sucumbir. Em outros, a chama da criação os impele para frente. Mesmo assim, em toda a sua obra, Hesse procura conduzir o leitor para a construção de uma nova moralidade, intimamente ligada a um processo de reconstrução do mundo através da arte e do indivíduo, o qual,

no entanto, não pode ser entendido como centrado e único, mas como um sujeito fragmentado, com múltiplas identidades, antecipando, em muito, as discussões que iriam marcar as reflexões nas sociedades globalizadas.

Ana Lucia S. Enne  
Professora da UFF (Universidade Federal Fluminense)

## Notas

1. Hesse, H. e Mann, T. (1975:108).
2. A ponte entre Hermann Hesse e os românticos é também o tema principal de *Book* (1952).
3. Ver Bruford (1975).
4. Hesse e Mann (1975:108).
5. Interessante observar que, apesar do reconhecimento de Mann e de André Gide, entre outros, da aclamação do público e do recebimento de prêmios importantes, como o Goethe e o Nobel, Hermann Hesse não teve o reconhecimento que outros nomes da literatura alemã deste século obtiveram. O próprio Hesse faz uma observação bem-humorada a este respeito, por ocasião de sua premiação com o Nobel em 1946: “e muitos velhos leitores meus alegraram-se porque agora fica claro que a fraqueza que tinham por mim não era apenas um pecado”. In: Hesse e Mann (1975:87).
6. *Idem*, p. 108. É importante observar, ainda na citação anterior, mas com respeito ao ponto agora comentado, o uso da expressão “e ainda assim intelectual” como um breve aceno de Mann na direção desta fusão entre tradição e presente na obra de Hesse e para a fusão entre ideais românticos e iluministas. Mann posiciona-se ainda mais claramente no prefácio de uma edição americana de *Demian*: “Apoiar o novo, sem desistir do velho”. Diz Mann: “Os melhores servos do novo – e Hesse é um exemplo disso – serão aqueles que conhecem o antigo, e o amam, e o transportam para dentro do novo” (p.174).
7. Tal conceito será desenvolvido na próxima parte deste trabalho.
8. Segundo Sílvia Ferraz, as constantes reminiscências de Hesse acerca do verão são uma maneira do autor resgatar a infância perdida. Afirma a autora: “De fato, a atmosfera envolvente do mês em que nasceu [julho] o acompanha sempre de perto na vida, renovando-lhe periodicamente energias físicas e psíquicas (...) e entre muitos outros [verões] destacam-se os verões românticos em ‘Herman Hauscher’, os verões saudosos do garoto Hans em ‘Unterm Rad’, o longo verão de vagabundagem andarilha de ‘Knulp’, o verão do pintor Veraguth in ‘Rosshalde’, o verão oriental de Hesse, o verão de ‘Klein e Wagner’ na Itália e o ‘O último verão de Klingsor’”. Ver: Ferraz (1960:9).
9. Hesse (1970:9).
10. Na própria obra, o personagem de Harry Haller fala de um amigo de infância, chamado Hermann, a quem em vários momentos acredita encontrar. Sua companheira na jornada de autoconhecimento se chama Hermínia e muitas ve-

zes se confunde com Hermann e com o próprio Harry. Sobre isso, Theodore Ziolkowski comenta: “No esboço autobiográfico ‘Infância de mágico’, Hesse confia ter sido seu desejo mais ardoroso, quando criança, possuir a capacidade mágica de desaparecer ou mudar de forma. O equivalente adulto desse poder mágico, prossegue ele, era o dom de se esconder artatamente por trás das figuras de seu mundo ficcionista”. In: Hesse (1976:9).

11. Hesse (1955:31)

12. Idem, *ibidem*.

13. Por isso deveria causar estranheza ao autor, se vivo fosse, a aceção dada às suas palavras acerca da natureza pelo grupo “Pensamento Ecológico” em sua homepage na Internet. Nela, a frase “o ser humano só cumpre seu nobre dever quando tenta aperfeiçoar os dotes que a natureza lhe deu”, que no contexto de *Demian* (de onde foi retirada) remete à realização do impulso vital de Emil Sinclair, é utilizada pelos ecologistas como epígrafe de um texto acerca da destruição da natureza na atualidade. O endereço da página é: <http://www.infolink.com.br/~peco/net106.htm>.

14. Hesse (1970:125).

15. Hesse (1970:74).

16. Idem, *op. cit.*, p. 49.

17. Idem, *op. cit.*, p. 76.

18. Embora W. James esteja se referindo às experiências de conversão religiosa, sua abordagem cabe bem no processo de conversão rumo à interioridade, principalmente pela aclamação ao sofrimento como passagem fundamental nesta busca do cultivo de si. Ver James (1958).

19. Uma abordagem interessante sobre a metáfora do rio em Sidarta encontra-se no artigo de J. Sobel na *Herman Hesse Page*, criada na Internet. Diz o autor: “Hesse also uses the symbolism of the river to unify Siddhartha’s experience. The river serves as a separation between the experience of the mind and the spirit on the one side, and the experiences of the body and the senses on the other”. Conferir Sobel (1997).

20. Hesse (1997:105).

21. Idem (1971a, p. 26).

22. Interessante reparar o paralelo entre o conteúdo de *Rosshalde* e o conto de Henry James, “The Author de Beltraffio”, de 1884. Uma análise do conto encontra-se em Monk (1996).

23. Hesse (1956:152).

24. Idem (1971a:46).

25. Idem (1959:29).

26. Interessante observar que esta mesma ética romântica, no entender de Campbell, foi fundamental para o fortalecimento do espírito do consumo e para a consagração do hedonismo moderno. Ver Campbel (1995).

27. Hesse (1955:120).

28. Idem, *op. cit.*, p. 34.

29. Idem, *op. cit.*, pp. 35 e 36.

30. Simmel (1971).
31. Riesman (1961).
32. Dumont (1991).
33. Neste sentido, ver Goldman (1988).
34. Hesse (1970:124).
35. Idem (1956:173).
36. Gellner (1997).
37. Idem (1970:61).
38. Idem (1997:158).
39. Idem (1955:67).
40. Idem, op.cit., p. 68.
41. Boltanski (1993).
42. Hesse (1955:68).
43. Idem, op. cit. p. 69.
44. Idem (1971b:61).
45. Idem, op. cit. p. 41.
46. Idem (1970:64).
47. Beutin (1993:280).
48. Idem, op. cit. p. 281.
49. Idem, op. cit., p. 268.
50. Hesse e Mann (1975:160).
51. Hesse (1970:153).
52. Idem (1955:224)
53. Idem, ibidem.

### **Referências bibliográficas**

- BEUTIN, Wolfgang et al. *História da Literatura Alemã*. Vol. 1 e 2. Lisboa: Edições Cosmos, 1993.
- BOOK, Werner. *Idea y amor de Goethe a Hesse*. Buenos Aires: Editorial Americalee, 1952.
- BRUFORD, W. H.. *The German Tradition of self-cultivation. 'Bildung' from Humboldt to Thomas Mann*. Cambridge: Cambridge University Press, 1975.
- CAMPBELL, C. *The romantic ethic and the spirit of modern consumerism*. Oxford: Blackwell, 1995.
- CHARLE, C. *Naissance des "intellectuels"*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1990.
- DUMONT, L. "Du piétisme à l'esthétique. Totalité et hiérarchie dans l'esthétique de Karl Philip Moritz. In: *Homo Aequalis II. L'Ideologie Allemande*. Paris: Gallimard, 1991.
- FERRAZ, Silvia. *Filtros mágicos*. São Paulo: Conselho Estadual de Leitura, 1960.
- GAY, Peter. *A cultura de Weimar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- GELLNER, C. "Between Respect and Revolt: Hermann Hesse and the Duality of all Religion". In: *Hesse Home Page*, 1997.  
[http://www.mcl.ucsb.edu/hesse/papers/gellner\\_smit\\_html](http://www.mcl.ucsb.edu/hesse/papers/gellner_smit_html).
- GOLDMAN, H. *Max Weber and Thomas Mann – Calling and the Shaping of the Self*. Berkeley: University of California Press, 1988.
- HESSÉ, Hermann. "Alma de criança". In: *O último verão de Klingsor*. Rio de Janeiro: Record, 1952.
- \_\_\_\_\_. *Demian*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.
- \_\_\_\_\_. *Minha fé*. Rio de Janeiro: Record, 1971a.
- \_\_\_\_\_. *Minha vida*. Rio de Janeiro: Ed. Artenova, 1976.

- \_\_\_\_\_. *O Jogo das contas de vidro: ensaio de biografia do Magister Ludi José Servo*. Rio de Janeiro: Record, 1982.
- \_\_\_\_\_. *O lobo da estepe*. Rio de Janeiro: Record, 1955.
- \_\_\_\_\_. *Para ler e pensar*. Rio de Janeiro: Record, 1971b.
- \_\_\_\_\_. *Rosshalde*. Rio de Janeiro: Record, 1956.
- \_\_\_\_\_. *Sidarta*. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Viagem ao Oriente*. Rio de Janeiro: Record, 1959.
- HESSE, Hermann e MANN, Thomas. *Correspondência entre amigos*. Rio de Janeiro: Record, 1975.
- JAMES, W. *The Varieties of Religious Experience. A study in human nature*. The New American Library, 1958.
- MARABINI, Jean. *Berlim no tempo de Hitler*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- MONK, L. "A Terrible Beauty in Born: Henry James, Aestheticism, and Homosexual Panic". In: FOSTER, t. et al. (ed.). *Bodies of Writing, Bodies in Performance*. New York/London: New York University Press, 1996.
- RIESMAN, D. *The Lonely Crowd*. Yale University Press, 1961.
- SIMMEL, G. *On Individuality and Social Forms*. Chicago: The University of Chicago Press, 1971.
- SOBEL, J. "Form, Style, and content in *Siddhartha*". In: *Hesse Home Page*. End: <http://www.mcl.ucsb.edu/hesse/works/jensid.html>.

## **Resumo**

Este artigo tem como tema principal a obra literária de Hermann Hesse, consagrado escritor alemão. A proposta fundamental é pensar de que forma Hesse pode ser entendido tanto como um herdeiro do Romantismo alemão do século XIX, quanto um escritor de seu tempo. Dessa forma, Hesse conjuga reflexões sobre a formação do indivíduo ocidental com preocupações sobre a formação de uma cultura de massa nas primeiras décadas do século XX. E, principalmente, com percepções acerca do caráter fragmentado e múltiplo das identidades.

## **Palavras-chave**

Hermann Hesse, indivíduo, identidade, cultura de massa.

## **Abstract**

This article has as main subject the literary composition of Hermann Hesse, consecrated German writer. The proposal basic is to understand Hesse in such a way how much an heir of the tradition of the German Romanticism how much an author of its time. Of this form, Hesse conjugates reflections on the formation of the individual occidental person with concerns on the formation of a culture of mass in the first decades of century XX. And, mainly, with perceptions concerning the fragmented and multiple character of the identities.

## **Key-words**

Hermann Hesse, individual, identity, mass culture.